

M 416

DN - 8 junho 69

# O Colégio de Tia Gracinha

RUBEM BRAGA

**T**IA Gracinha, cujo nome ficou no «Grupo Escolar Graça Guárdia», de Cachoeiro de Itapemirim, era irmã de minha avó materna, mas tão mais môça, que a tratava de mãe. Eu era certamente, menino, quando ela e o tio Guárdia — um simpático espanhol de cavanhaque, que fôra piloto e poeta em sua terra — saíram de Cachoeiro para o Rio. Assim, tenho do colégio de tia Gracinha uma recordação em que não sei o que é lembrança minha mesmo e lembrança de conversas que ouvi menino.

Lembro-me, sobretudo, do pomar e do jardim do colégio, e imagino ver môças de roupas antigas, cuidando das plantas. O colégio era de môças. Elas não aprendiam datilografia nem taquigrafia, pois o tempo era de pouca máquina e nenhuma pressa. Môças não trabalhavam fora. As famílias de Cachoeiro e de muitas outras cidades do Espírito Santo, mandavam suas adolescentes para ali; muitas eram filhas de fazendeiros. Recebiam instrução geral, uma espécie de curso primário reforçado; o mais, eram prendas domésticas, trabalhos caseiros e graças especiais: bordados, francês, piano...

A carreira de toda môça era casar, e no colégio de tia Gracinha, elas aprendiam boas maneiras. Levavam, depois para as casas de seus pais e seus maridos, uma porção de noções úteis de higiene e de trabalhos domésticos e muitas finuras que lhes davam certa superioridade sobre os homens de seu tempo, pequenas etiquetas que elas iam impondo suavemente, e transmitiam às suas filhas. Muitas centenas de lares ganharam, graças ao colégio de tia Gracinha, a melhoria burguesa, dêesses costumes mais finos. Eu me represento a educação de tia Gracinha, pela doçura e delicadeza de duas de suas alunas — minha saudosa irmã e madrinha Carmozina e minha prima Noemita.

Tudo o que será risível, aos olhos das môças de hoje; mas a verdade é que o colégio de tia Gracinha dava às môças de então a educação que elas precisavam para viver sua vida — não apenas o essencial, mas muito do que, sendo supérfluo e superior ao ambiente, era, por isso mesmo, de certo modo, funcional — pois a função do colégio era uma certa elevação espiritual do meio a que servia. Tia Gracinha era bem o que se podia chamar uma educadora.

Lembro-a na casa de Vila Isabel, onde vivia com o marido, a filha, genro, netos, a irmã Ana, que ela chamava de mãe, e que para nós era a Vovó Donana, a sogra de idade imemorial, que, à força de ser abuelita, acabara sendo para nós todos. «Vovó Bolita». Tinha nostalgia, talvez, de seu tempo de educadora, de seu belo colégio com pomar às margens do córrego Amarelo; lembro-me de que uma vez me pediu algum livro que explicasse os novos sistemas de educação, o método de ensinar a ler sem soletrar — e me fez essa indagação a que eu jamais poderia responder: «e piano, como é que se ensina piano, hoje?»

Gostava de seu piano. Mário Azevedo até hoje sabe tocar uma de suas composições, feitas lá em Cachoeiro, uma pequena valsa cheia de graça, finura e melancolia — parecida com a alma de tia Gracinha.

Livro:  
Rec. de Prim.

DN 18-8-67

336